Revistas. Outdoors. Campanhas públicas e redes socias. Estes são alguns dos meios onde a mulher vem sofrendo uma forte e velada repressão. Com o passar dos anos, apesar de uma leve e tardia melhora, os casos de opressão contra a mulher vem em uma crescente exponencial. Esse problema sociocultural vem causando alguns outros derivados, entre eles estão: feminicídio e desigualdade salarial.

1° Feminicídio:

Apesar de ser um problema que faz parte do nosso cotidiano, sendo mostrados todos os dias novos casos, o feminicídio é um problema muito antigo. O termo feminicídio, foi utilizado pela primeira vez em 1976, por Diana Russel, durante o depoimento no tribunal internacional de crimes contra a mulher. Tribunal este que teve como objetivo levar a tona os crimes cometidos que antes ficavam na maioria dos casos “por debaixo dos panos”. Olhando 46 anos para trás, de 1976 a 2022, inegavelmente houve uma melhora, entretanto, casos de extrema crueldade aconteceram, acontecem e irão continuar acontecendo. Países como o Brasil, que somente em 2015 passou a criminalizar esses atos, ajudam a subnotificar e velar esses casos.

Engana-se quem pensa que não há forte oposição a esse sistema. O movimento feminista ganha força dia a dia. A luta pela igualdade de gêneros se consolida e ganha apoio não só de mulheres, mas homens também. No dia 21/01/2017, em Washington, D.C. Ocorreu a Women’s March, que contou com o apoio de mais de 500mil pessoas. A manifestação tinha como objetivo a reivindicação da igualdade de gêneros e o apelo ao novo ocupante da Casa Branca, que não era simpatizante muito menos um igualitário.

2° Desigualdade Salarial:

Apesar da maior quantidade de diplomas entre 25-34 anos em comparação aos homens da mesma faixa etária. As mulheres recebem cerca de 24% menos do que homens na mesma função. Se pegarmos cargos mais altos como diretores e gerentes, e traçarmos um paralelo comparativo, esse numero cresce para 65%. Apesar da igualdade salarial entre gênero ser garantida pela legislação no artigo 461°, onde a mesa afirma *“Sendo idêntica a função, a todo trabalho de igual valor, prestado ao mesmo empregador, no mesmo estabelecimento empresarial, corresponderá igual salário, sem distinção de sexo, etnia, nacionalidade ou idade”.* **Ou seja, apesar de ser defendida por lei, temos mais uma lei que é descumprida a risca.**

Embora tudo isso seja uma das grandes barreiras socias brasileiras, este problema não exclusivo do Brasil. Um exemplo disso é que segundo ONU, a brecha salarial entre homens e mulheres no mundo é de 16%, o que significa que as mulheres ativas profissionalmente ganham ao redor de 84% do que ganham os homens. Fora desses dados ainda há algumas mulheres que fazem partes de “minorias”. Esses dados se agravam quando vemos a ótica das mulheres negras a fundo. A pesquisa recém publicada “*Potências (in)visíveis: a realidade da mulher negra no mercado de trabalho”*. A denúncia não só escancara as dificuldades para a anexação de mulheres, como também evidencia a necessidade de incentivos públicos e privados para a melhora do ambiente profissional, afim de criar uma diversidade maior.

As mulheres negras compõem cerca de 28% da população brasileira. Homens e mulheres negros, representam 54% da força de trabalho do Brasil e 57,7 milhões de pessoas, segundo o IBGE. Mesmo em empresas que incentivam a contratação de mulheres negras, temos a barreira da hierarquia branca, a maioria de cargos para pessoas negras são para assistentes ou analistas juniores. Ou seja, além da dificuldade de ser incluída no mercado de trabalho, dificilmente pessoas negras assumem cargos de alta patente em empresas de grande maioria branca.